

---

**LUIZ CARLOS PRESTES: UM JOVEM MILITAR EMPENHADO NA EDUCAÇÃO DOS SEUS SUBORDINADOS****LUIZ CARLOS PRESTES: UN JOVEN MILITAR EMPEÑADO EN LA EDUCACIÓN DE SUS SUBORDINADOS****LUIZ CARLOS PRESTES: LUIZ CARLOS PRESTES: A YOUNG MILITARY OFFICER ENGAGED IN THE EDUCATION OF HIS SUBORDINATES**

Anita Leocádia Prestes<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste texto, a partir das ideias de A. Gramsci sobre educação e hegemonia, aborda-se o empenho de Luiz Carlos Prestes, um jovem militar, na educação dos seus subordinados. Revela-se que Prestes, através de uma *relação pedagógica*, conquistara a *hegemonia* junto aos seus subordinados. Isso foi decisivo para a organização e a marcha da Coluna Prestes.

**Palavras-chave:** Educação; Hegemonia; Relação pedagógica; Luiz Carlos Prestes; Coluna Prestes.

**Resumen:** En este texto, a partir de las ideas de A. Gramsci sobre educación y hegemonia, se aborda el empeño de Luiz Carlos Prestes, un joven militar, en la educación de sus subordinados. Se revela que Prestes, a través de una *relación pedagógica*, había conquistado la *hegemonia* junto a sus subordinados. Eso fue decisivo para la organización y la marcha de la Columna Prestes.

**Palabras-clave:** Educación; Hegemonia; Relación pedagógica; Luiz Carlos Prestes; Columna Prestes.

**Abstract:** In the present essay, based on the ideas of A. Gramsci about education and hegemony, we approach the engagement of Luiz Carlos Prestes, a young military officer, in the education of his subordinates. It is revealed that Prestes, through a *pedagogic relationship*, had conquered *hegemony* over his subordinates. This was a decisive step for the organization and the march of the Prestes Column.

**Key words:** Education; Hegemony; Pedagogic relationship; Luiz Carlos Prestes; Prestes Column.

Antonio Gramsci, ao elaborar seu conceito de *hegemonia*, a viria a conceber como uma relação educacional. Mas a educação, para o filósofo e dirigente comunista italiano, significava muito mais que instrução escolar; correspondia às operações fundamentais da hegemonia. (BUTTIGIEG, 2003, p. 47) Gramsci escrevia que “a relação entre professor e aluno é uma relação ativa, de vinculações recíprocas” e, portanto, “todo professor é sempre aluno e todo aluno professor. A relação pedagógica não pode ser limitada às relações especificamente ‘escolares’” e, a seguir, ele explicava:

Esta relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos, entre camadas intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos de exército. *Toda relação de “hegemonia” é necessariamente uma relação pedagógica*, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo o campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais. (GRAMSCI, 2001, p. 399; grifos meus)

Conforme é apontado por Joseph A. Buttigieg, editor da versão em inglês dos *Cadernos do cárcere*, nessa passagem Gramsci explicita sua concepção de *hegemonia*, de acordo com a qual

as relações educacionais constituem o próprio núcleo da hegemonia, que qualquer análise da hegemonia necessariamente implica um cuidadoso estudo das atividades e das instituições educacionais e que nem as complexidades da hegemonia nem o significado da educação podem ser entendidos enquanto se pensa a educação exclusivamente em termos de “relações escolares”(BUTTIGIEG, 2003, p. 47).

Segundo Gramsci, para a que os setores subalternos possam alcançar a hegemonia na sociedade são de suma importância determinadas premissas culturais, condição fundamental para a realização de revoluções políticas e sociais (RAPONE, 2014, p. 335). Gramsci escrevia:

Toda revolução foi precedida por um intenso e continuado trabalho de crítica, de penetração cultural, de impregnação de ideias em agregados de homens que eram inicialmente refratários e que só pensavam em resolver por si mesmos, dia a dia, hora a hora, seus próprios problemas econômicos e políticos, sem vínculos de solidariedade com os que se encontravam na mesma situação.<sup>2</sup>

O olhar gramsciano para o papel da educação pode contribuir para melhor avaliar a atuação de Luiz Carlos Prestes, um jovem tenente, no seu início de carreira. Prestes colou grau em janeiro de 1920 ao concluir o curso de Engenharia na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro. Nessa ocasião foi promovido a 2º tenente de Engenharia. Como fora o primeiro aluno da turma, tinha o direito de escolher o lugar onde iria servir. Sua escolha recaiu sobre a Companhia Ferroviária, aquartelada em Deodoro, subúrbio do Rio de Janeiro. Havia duzentos homens nessa Companhia. Prestes recordaria que era uma ferrovia de campanha, para contornar a frente e realizar o transporte na retaguarda. Mas havia grande falta de material necessário para realizar o trabalho previsto e o único ano em que se realizaram manobras foi aquele em que ele, substituindo o comandante, que estudava medicina e só comparecia para assinar o expediente, passou, na prática a comandar a Companhia. O jovem tenente contava que o comandante confiava inteiramente nele:

Eu fazia tudo, dominava completamente a obra, comandava realmente a Companhia. Dirigia, fazia tudo, *tinha inclusive instituído escolas*. Eu chegava no quartel de manhã cedo, às seis horas, e, às vezes, só saía às oito da noite. Porque *fiz escola para cabos, escola para sargentos e escola para alfabetização*. Foi a primeira imagem que tive do povo brasileiro.

Eu recebi uma turma de cem recrutas, todos eles originários aqui dessa Baixada fluminense, aí de Mangaratiba, etc. Analfabetos, dezoito anos. (...) Com dezoito anos se alistavam e tinham que fazer o serviço militar. (...) Na sua maioria, 90% analfabetos.

Todos eles com vermes intestinais (...) Os médicos tratavam com uma brutalidade tremenda – era erva de Santa Maria e purgante de óleo de rícino. De maneira que o indivíduo levava um choque violento. (...) E um deles morreu. (...) E esses homens todos, *eu consegui que aprendessem a ler, em pouco tempo, e depois tinha a Escola de cabos, Escola de sargentos*. Fiquei ali na Companhia Ferroviária um ano. (...) Mas, em fins de 1920, como eu tinha sido o primeiro aluno da turma, fui convidado para ser instrutor na Escola Militar.<sup>3</sup>

O capitão José Rodrigues, ao exercer o comando da Companhia Ferroviária por um curto período, testemunhou que Prestes “também era um soldado”, afirmando que para ele fora uma revelação vê-lo “empunhar a picareta e o facão do mato e mostrar ao soldado, em linguagem simples, clara, como se fazia uma trincheira ou uma rede de arame” e observar “como os soldados o ouviam atentos! E como manifestavam a sua satisfação!” (RODRIGUES, 1927)

A preocupação do jovem tenente com a alfabetização e, de uma maneira geral, com a educação dos seus subordinados era algo inusitado e surpreendente nas unidades do exército brasileiro. Movido por sentimentos patrióticos, que pouco tempo depois o levariam a lutar de armas na mão contra os governos oligárquicos da Primeira República, Prestes compreendia que para mudar o Brasil era necessário educar seus jovens, transformando-os em cidadãos e, também, com eles aprender, aprofundando-se no conhecimento da realidade do país. Para atingir tais objetivos, era indispensável, em primeiro lugar, desenvolver esforços para a alfabetização desses homens.

De maneira intuitiva, o jovem comandante da Companhia Ferroviária de Deodoro percebera que educar significava relacionar-se com os subordinados, mostrar-lhes na prática como exercer suas tarefas, como trabalhar e, com seu exemplo, levá-los a se tornarem cidadãos conscientes do seu papel transformador. Semelhante postura viria a assegurar a adesão de toda a Companhia à conspiração tenentista da qual Prestes participava e à preparação do levante armado de julho de 1922.<sup>4</sup> Na verdade, Prestes conquistara a hegemonia junto a seus subordinados praticando, segundo Gramsci, uma relação pedagógica.

Em outubro de 1922, Prestes foi promovido a capitão de engenheiros do Exército e designado para servir no estado do Rio Grande do Sul. A missão delegada ao jovem militar pela chefia da Comissão Fiscalizadora da Construção de Quartéis, com sede na Capital da República, consistia em assumir a fiscalização da construção de quartéis nas cidades de Santo Ângelo, Santiago do Boqueirão e São Nicolau, no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Tratava-se de um contrato da administração com a Companhia Construtora de Santos, de propriedade de Roberto Simonsen, conhecido empresário paulista. Ao assumir seu novo posto, Prestes deparou-se com uma realidade em que imperava a corrupção generalizada por parte das autoridades militares às quais estava subordinado, tanto na região em que passou a servir quanto nos altos escalões do Exército brasileiro. Diante de seus repetidos e insistentes protestos, inclusive pedidos de demissão, esta lhe foi concedida “por necessidade de serviço”.<sup>5</sup>

Prestes foi transferido para o 1º Batalhão Ferroviário (1ºBF) de Santo Ângelo no segundo semestre de 1923. Eis o seu relato:

Assumi o cargo de chefe da Seção de Construção e fui para um local a 20 quilômetros da cidade de Santo Ângelo, onde estava uma companhia do Batalhão. Eu era o único oficial; tinha uma companhia de 200 homens, que estavam construindo uma ponte sobre um rio, afluente do Ijuí. Aí estávamos acampados. Os soldados estavam num alojamento, um barracão de palha, de chão de barro, cama de vara; terrivelmente mal alojados. Os sargentos eram uns burocratas terríveis, não se preocupavam (...) nunca houve instrução militar no batalhão. (Idem)

O jovem capitão assumira um novo cargo no Exército, mas continuava participando do movimento tenentista no estado do Rio Grande do Sul, onde foi um dos conspiradores mais ativos:

Eu, estando conspirando, *resolvi dar instrução aos soldados*. De maneira que organizei e tive êxito no comando dessa companhia, principalmente porque tinha a liberdade administrativa. Eu recebia diretamente o dinheiro e administrava a etapa desses 200 soldados. Então, a primeira medida que tomei – ao contrário do que se faz em geral nos quartéis –, em vez de escalar um soldado para cozinheiro, eu, com a etapa, aluguei um cozinheiro, um verdadeiro cozinheiro por 400 mil-réis ao mês, naquela época, e um padeiro. Mandei fazer um forno, desses fornos de campanha. Então, tinha um padeiro e

um cozinheiro. E estabeleci uma divisão do trabalho. Com os soldados mesmos, eu fiz um campo de esporte. Preparamos um campo para poder dar instrução física e instrução militar também. Dividi os soldados em duas turmas de 100 e, um dia sim um dia não, uma dessas turmas ia para o campo para receber instrução física. Eu dava ginástica e fazia instrução física para esses soldados e, depois, dava ordem-unida para os transformar realmente em soldados. E a outra turma de 100 eu dividia em pequenos grupos de 15 a 20 homens, e cada um deles com um responsável, para os quais eu dava ordens escritas. E eles iam, então, para a construção dos bueiros, ou nivelamento de linha, ou extensão de trilhos, colocação de dormentes. Enfim, cada um deles tinha uma tarefa definida. E, ao mesmo tempo, *criei três escolas. Fiz escola de alfabetização*, e eu tinha somente uns 20 analfabetos. Era um pessoal saudável, filhos de colonos; em geral, eram filhos de alemães, de italianos, e um pessoal que se alimentava mais ou menos bem. Alguns tinham o primeiro grau, e *eu mesmo dava aula*. (Idem; grifos meus).

Prestes trazia a *experiência pedagógica* aplicada por ele na Companhia Ferroviária de Deodoro, no Rio de Janeiro, que lhe viria a servir de modelo para seu trabalho no 1º Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo. Eis seu relato de como era a vida no acampamento por ele dirigido:

Acordávamos pela manhã, com a alvorada, tomava-se um café muito diferente desse café que se dá nos quartéis, porque, além de um café com leite, com pão e manteiga, ainda tinha, pelo menos, um pedaço de carne com batata e o pão fresco que saía do forno. Depois que voltavam da instrução ou do trabalho, mais ou menos ao meio-dia, tinham um almoço e, depois do almoço, uma meia hora depois, *se iniciava a escola regimental*, que ia até as três horas da tarde.

Às três horas davam um mate, e todos íamos para o trabalho, inclusive eu, que também ia para o trabalho na construção da linha. Quando voltávamos, à tarde, estávamos esgotados do trabalho. Eu exigia trabalho. Tomavam banho, jantavam, e o pessoal ia era tratar de dormir. Eu ficava de tal maneira fatigado (...) tinha uma pequena casa onde eu vivia sozinho (...) *Eu comia a mesma comida dos soldados* (...) Houve noite em que eu acordei com o toque de alvorada (...)Tinha dormido fardado, na mesa em que estava trabalhando ... (risos)... de tão fatigado que estava (...) Porque eu escrevia as ordens todas durante a noite (...) cada ordem para cada turma. (Idem; grifos meus)

Prosseguindo em seu relato, Prestes conta:

*Na alfabetização*, eu empreguei o seguinte: cada soldado analfabeto entreguei a um soldado que sabia ler e escrever. E ensinava a ele como é que ele devia ensinar o analfabeto. Com grande êxito, não é? *Em três meses, estavam todos já assinando o nome*. Fizemos até uma festa para entrega de diploma aos que ficaram alfabetizados. Fizeram uma bandeira brasileira com as assinaturas, com uma dedicatória para mim, que eles me davam. E os outros graus (...) *eu fiz um primeiro e um segundo grau, preparando os soldados para poderem fazer exame para cabo, com o objetivo de elevar o nível de instrução desse grupo que eu pretendia levar à revolução, queria levar para a luta armada*. (Idem; grifos meus)

O próprio Prestes assinalava que esse novo tipo de instrução militar por ele adotado no comando da sua companhia levou a que “a disciplina e o entusiasmo dos soldados .... [fosse]... imensa”. (Idem) Seu prestígio se tornaria enorme, garantindo-lhe a fidelidade do 1ºBF no momento do levante em preparação. Nascia um novo tipo de relacionamento, desconhecido até então nas fileiras do Exército brasileiro, entre os soldados e o comandante. Prestes conseguia estimular a iniciativa dos soldados - sem desprezar a disciplina -, que era alcançada com o exemplo do seu próprio comportamento, excluída a prática da violência e dos castigos corporais. Através de uma *relação pedagógica*, Prestes conquistara a *hegemonia* junto aos seus subordinados.

O trabalho de *educação* promovido por Prestes no 1º BF garantiu a esta unidade militar tornar-se a espinha dorsal da Coluna Prestes, que viria a nascer na região do Noroeste do Rio de Grande do Sul, após os levantes militares ocorridos nesse estado na noite 28 de outubro de 1924.

Desde os primeiros dias da revolução tenentista, Prestes apoiou-se na experiência adquirida nos meses que dirigira sua companhia do 1ºBF e tratou de criar um novo tipo de relacionamento entre os comandantes e os soldados. Cientes de que o exemplo dos chefes desempenharia um papel fundamental nessa empreitada, Prestes, Portela, Siqueira Campos, João Alberto e Cordeiro de Farias levavam a mesma vida que os soldados, dormindo no chão, comendo a mesma comida, sem admitir qualquer privilégio. Ao contrário, durante toda a marcha da Coluna, os soldados – e, em primeiro lugar, os feridos – tiveram prioridade na distribuição de alimentos, roupas, montaria e medicamentos. Formou-se, assim, um novo moral – o moral do combatente da Coluna, que lutava por um ideal sem medir sacrifícios, acompanhando seus chefes porque neles confiava e acreditava, porque via no seu comportamento um exemplo a seguir. A Coluna viria a se transformar numa grande família, em que cada soldado nela permanecia sabendo que combatia por um ideal de liberdade e justiça para o povo brasileiro. (PRESTES, 1997; 2009)

O comando da Coluna Prestes conquistara a *hegemonia* dos seus subordinados através de uma *relação pedagógica* estabelecida entre comandantes e soldados, ou seja, uma prática pedagógica introduzida por Prestes no 1ºBF, que levava à formação de um grupo coeso de combatentes conscientes do seu papel transformador e capacitados a exercer uma influência decisiva no conjunto de homens e mulheres que formaram a Coluna. Os 1.500 combatentes que marcharam através de 25 mil quilômetros pelo Brasil, enfrentando forças militares muito superiores, sem sofrerem derrota alguma, estavam unidos por ideais cultivados num *processo pedagógico* em que a prática revolucionária se articulava com a convicção da justeza dos objetivos perseguidos. (Idem)

### Referências:

- BUTTIGIEG, Joseph A. Educação e hegemonia. In: COUTINHO, C. N. e TEIXEIRA, A. de P. (org.). *Ler Gramsci, entender a realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 39-49.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Escritos políticos*. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- PRESTES, Anita Leocadia. *A Coluna Prestes*. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Uma epopeia brasileira: a Coluna Prestes*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- RAPONE, Leonardo. *O jovem Gramsci: cinco anos que parecem séculos 1914-1919*. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília, DF: Fundação Astrojildo Pereira, 2014.
- RODRIGUES, José (capitão). *Luiz Carlos Prestes; sua passagem pela Escola Militar*. Fortaleza (Ceará): Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 1927.

### Notas

<sup>1</sup> Email: [anitaprestes@superig.com.br](mailto:anitaprestes@superig.com.br)

<sup>2</sup> GRAMSCI, Antonio. Socialismo e cultura. In: GRAMSCI (2004, p. 58-69)

<sup>3</sup> LCP (Entrevistas concedidas por Luiz Carlos Prestes a Anita Leocadia Prestes e Marly de Almeida Gomes Vianna, gravadas em fita magnética e transcritas para o papel; RJ, 1981-83). LCP, fita nº 1.

<sup>4</sup> Na véspera da revolta tenentista de 5/7/1922, Prestes adoeceu gravemente com tifo, o que o impediu de participar do movimento e, sem comando, a Companhia Ferroviária, não se levantou.

<sup>5</sup> LCP, fita nº 2.

Recebido em: 13.06.2015

Publicado em: 31.12.2015